

## 2.7 A internacionalização acadêmica em sítios eletrônicos e em instituições cariocas

Isabela Cabral Félix de Sousa<sup>57</sup>

### Resumo

Com a internacionalização das universidades e institutos de pesquisa emergem novos desafios para que os processos formativos se tornem efetivamente interculturais e inclusivos. O presente trabalho busca refletir sobre algumas notícias acerca da internacionalização brasileira, desde 2010, nos sítios eletrônicos *World Education Services* e *University World News Global Edition* e através das experiências de estudantes estrangeiros em duas instituições acadêmicas cariocas voltadas para a saúde.

**Palavras-chave:** Educação intercultural; Educação superior; Rio de Janeiro; Brasil; Internacionalização.

### La internacionalización académica en sitios electrónicos y en instituciones cariocas

#### Resumen

Con la internacionalización de las universidades e institutos de investigación emergen nuevos desafíos para que los procesos formativos se vuelvan interculturales e inclusivos. El presente trabajo busca pensar sobre algunas noticias acerca de la internacionalización brasileña, partiendo de la fecha de 2010, en los sitios electrónicos *World Education Services* y *University World News Global Edition* a través de las experiencias de estudiantes extranjeros en dos instituciones académicas cariocas dedicadas a la salud.

**Palabras clave:** Educación intercultural; Educación superior; Rio de Janeiro; Brasil; Internacionalización.

---

<sup>57</sup> Pesquisadora em Saúde Pública da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz e pesquisadora associada ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM). E-mail: isabelacabralfelix@gmail.com

## **L'internationalisation académique sur les sites internet et institutions à Rio**

### **Résumé**

Avec l'internationalisation des universités et des instituts de recherche, des nouveaux défis émergent pour que les processus de formation deviennent effectivement interculturels et inclusifs. Ce document cherche à réfléchir sur des informations de l'internationalisation brésilienne, depuis 2010, sur les sites internet Web World Education Services et University World News Global Edition et à travers les expériences d'étudiants étrangers dans deux institutions académiques à Rio de Janeiro orientées sur la santé.

**Mots-clés :** Éducation interculturelle ; Enseignement supérieur ; Rio de Janeiro ; Brésil ; Internationalisation.

## **The academic internationalization in websites and institutions in Rio**

### **Abstract**

With the internationalization of universities and research institutes, new challenges emerge so that the training processes become effectively intercultural and inclusive. The present work seeks to reflect on some news about Brazilian internationalization, since 2010, on the World Education Services and University World News Global Edition websites and through the experiences of foreign students in two Brazilian academic institutions focused on health.

**Keywords:** Intercultural education; Higher education; Rio de Janeiro; Brazil; Internationalization.

### **2.7.1 Introdução**

O presente trabalho busca identificar temas difundidos sobre internacionalização acadêmica brasileira em dois sítios eletrônicos na última década e no mesmo período em que pesquisas qualitativas eram pensadas e realizadas em duas instituições acadêmicas do Rio de Janeiro em espaços voltados para a saúde.

O sítio eletrônico *World Education Services* escolhido representa uma organização não governamental que se propõe a ajudar os estudantes e profissionais estrangeiros a alcançar seus objetivos nos Estados Unidos e Canadá. Segundo o seu sítio eletrônico:

Somos uma organização sem fins lucrativos, dedicada a ajudar os estudantes e profissionais internacionais a atingir seus objetivos educacionais e profissionais nos Estados Unidos e no Canadá. Fundada em 1974, avaliamos e defendemos o reconhecimento das qualificações educacionais internacionais (World Education Services, 2014, parágrafo 1. Tradução minha).

Neste sítio eletrônico chama atenção uma matéria de dezembro de 2015, sobre o programa brasileiro Ciência sem Fronteiras, considerando este programa uma nova estratégia de internacionalização e enfatizando os Estados Unidos como o país que mais recebeu estudantes

através deste programa, 31% do total. Os dados desta matéria são estatísticos e não há nenhuma análise qualitativa sobre a experiência dos brasileiros em diferentes países.

A importância do Brasil como experimentando processos de internacionalização também aparece no jornal *University World News Global Edition*. Este é ao mesmo tempo um jornal e sítio eletrônico e engloba uma rede de jornalistas em muitos países e todas as regiões do planeta.

Os títulos de algumas matérias sobre o Brasil e estes processos de internacionalização foram traduzidos a seguir e revelam a diversidade dos temas relacionados a este processo:

- a. Ainda há um longo caminho a percorrer para a internacionalização em 16 de junho de 2017,
- b. Novo esquema de internacionalização de Educação Superior revelado em 21 de abril de 2017,
- c. Ciência sem Fronteiras sob escrutínio em 30 de setembro de 2016,
- d. Construindo a partir de um momento da mobilidade científica brasileira em 2 de maio de 2014,
- e. A mobilidade de doutores muda e flui, mas a maioria dos doutores retorna em 1 de junho de 2013,
- f. A iniciativa de estudos no exterior de brasileiros precisa de um estudo cuidadoso em 18 de dezembro de 2011,
- g. As principais universidades brasileiras começam a se internacionalizar em 12 de setembro de 2010.

Estas matérias acima organizadas em ordem cronológica decrescente, por um lado, apontam para o crescimento e entusiasmo com a internacionalização brasileira e, por outro, indicam também as suas dificuldades. Além disto, como foi encontrado menos publicações no *World Education Services* do que no jornal *University World News Global Edition* não é espantoso que a complexidade da internacionalização no Brasil apareça melhor descrita neste último veículo. Além disto, este jornal tem uma interessante matéria conceitual sobre internacionalização da universidade desenvolvida por Wit (2015).

Um ponto em comum nos dois sítios eletrônicos é a referência ao programa Ciência sem Fronteiras. O fato deste programa ter sido objeto de notícias destes sítios eletrônicos estrangeiros parece estar relacionado ao grande número de alunos brasileiros beneficiados, a variedade de países que recebeu estes estudantes, as dificuldades do programa Ciência sem Fronteiras em se sustentar, a reestruturação deste para não mais beneficiar alunos de graduação e finalmente ao fato deste programa contar com o apoio do governo brasileiro. Este programa conta com o apoio dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e Ministério da Educação (MEC), através de suas respectivas agências de fomento – (CNPq) e (Capes) - e de ensino superior e departamentos tecnológicos associados com o Ministério da Educação (MEC) (Ciência sem Fronteiras, 2015, para.1). Este programa, iniciado em 2011, foi inicialmente direcionado principalmente para que estudantes de graduação, e em menor número de pós-graduação estudassem em instituições fora do Brasil, bem como para renomados pesquisadores internacionais fazerem intercâmbios no Brasil. Em 2017 o programa passou a se voltar principalmente para estudantes de pós-graduação e pesquisadores em pós-doutorado e estágio sênior no exterior (Mais Educação, 2017).

## 2.7.2 Definições de internacionalização acadêmica

Há diferentes definições de internacionalização acadêmica e estas vêm historicamente assumindo diferentes conotações. Jane Knight (2004, 2014) trabalhou amplamente com o conceito de internacionalização acadêmica. Esta autora em 2004 já alertava que este conceito vinha sendo cada vez mais usado na educação superior, mas que havia uma confusão sobre a definição do mesmo visto que as pessoas atribuíam a ele significados distintos. Neste momento, a autora define a internacionalização acadêmica a nível nacional, setorial e institucional como um: “processo de integração da dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, funções e serviços de ensino superior” (Knight 2004, p. 11, tradução minha).

Num artigo mais recente, Knight (2014) considera que a internacionalização acadêmica não mais se define prioritariamente pela mobilidade estudantil e delinea historicamente os significados de uma universidade internacional e considera que há três gerações deste conceito. Para esta autora, a primeira geração de uma universidade internacionalizada reflete uma diversidade de parcerias internacionais, envolvendo estudantes e funcionários trabalhando em múltiplas atividades colaborativas. Conforme Knight (2014) a segunda geração de uma universidade internacionalizada expressa a presença de: escritórios satélites sob a forma de *campi*, centros de pesquisa e escritórios de gerenciamento ou de projetos. Finalmente para Knight (2014) a terceira geração que é mais recente abrange instituições independentes fundadas ou desenvolvidas por duas ou mais instituições parceiras de diferentes países. Também Marrara (2007) ao avaliar a pós-graduação brasileira distingue duas formas diferenciadas da prática da internacionalização. Segundo o autor, na forma ativa se identificam movimentos, processos, parcerias e investimentos de instituições estrangeiras relacionadas a uma instituição brasileira que se torna um polo. O inverso é associado a uma internacionalização passiva. Uma das dificuldades de promover uma internacionalização ativa reside na existência de assimetrias em cooperações internacionais (Marrara, 2007; França & Padilla, 2015). No intuito de se reverter a forma passiva, as cooperações devem buscar realizar trocas recíprocas pensando na contribuição dos atores sociais e programas envolvidos. França e Padilla (2015) também explicam como:

O termo “internacionalização da ciência” popularizou-se nos anos 1980s com o avanço da lógica neoliberalista nas universidades e centros de investigação e no presente ocupa um lugar central nos diferentes sistemas de rankings das instituições. Por exemplo, entre os indicadores que medem a internacionalização, alguns dos principais parâmetros são: as colaborações de investigação, o grau de internacionalização do corpo acadêmico e estudantil, os apoios existentes aos estudantes internacionais, a percentagem de estudantes provenientes do estrangeiro e que se dirigem ao estrangeiro, e diversidade internacional dos estudantes. Neste sentido, percebe-se porque ganha relevância a cooperação científica internacional (p. 62).

Outro aspecto de suma importância que vem sendo muito enfatizado é a empregabilidade dos egressos de um programa. E esta empregabilidade não necessariamente está alinhada as propostas de internacionalização. De fato, continua sendo um ponto polêmico a adequação do currículo dos programas às demandas dos países de origem dos estudantes estrangeiros, pois os programas no exterior podem ter políticas não coordenadas com as necessidades dos países de origem destes alunos. Por isto, Vizentini (2005), ao discutir o processo de internacionalização das universidades, salienta a necessária reciprocidade na cooperação acadêmica para evitar a colonização do intercâmbio.

### 2.7.3 Contexto brasileiro da mobilidade estudantil

No Brasil, a cooperação universitária internacional focalizou no século passado principalmente o intercâmbio com países do Primeiro Mundo como Alemanha, Estados Unidos e França, cooperação denominada Sul/Norte. No entanto, algumas iniciativas ocorridas, no século XX, mostram que o Brasil também investiu na cooperação universitária Sul/Sul. Desde 1965, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) para estudantes de países em desenvolvimento, com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico, promovendo oportunidades a estes para a realização de estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. De modo similar, o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) foi criado em 1981, e vem oferecendo bolsas de estudo para nacionais de países em desenvolvimento com os quais o Brasil possui acordos, visando formar estudantes em cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado). Com isto, muitas pessoas vêm sendo contempladas por estes programas, sendo as mesmas principalmente originárias da África, América Latina, Caribe e Ásia.

Ainda no século XX, outras iniciativas de envolvimento brasileiro com países em desenvolvimento merecem ser enfatizadas. Em 1987, foi criada a Agência Brasileira de Cooperação com o incentivo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e na década de 90 do século passado surgiu a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) (Zamberlam, Corso, Bocchi, Filippin, & Kulkamp, 2009).

A partir de 2001, o foco da cooperação universitária brasileira Sul/Sul ganha destaque. Segundo Krawczyk (2008, p. 46) “Hoje existe na política externa do governo brasileiro, um maior incentivo para a cooperação Sul/Sul, isto é com Índia, China e África; também com países de língua portuguesa e com a América Latina”. A política governamental brasileira tem priorizado o processo de internacionalização de universidades através da criação de novas instituições com concepções integradoras. Exemplificam este processo da criação a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) fundada em 2007, em Foz do Iguaçu, e a Universidade de Integração Luso-Afro-Brasileira (Unilab) inaugurada em 2010 no Ceará. Também na região de Foz do Iguaçu há ainda outra instituição, a Faculdade União das Américas (Uniamérica), funcionando desde 2001, que simboliza esta concepção unificadora.

Apesar do incremento da cooperação Sul/Sul, o foco Sul/Norte de cooperação internacional brasileiro sempre continuou a ocorrer através do incentivo a estudantes, professores e pesquisadores para a realização de programas e estágios fora do Brasil. Tanto a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fundados em 1951, têm desempenhado importantes papéis de fomento para a formação de recursos humanos e o desenvolvimento de pesquisas no Brasil e no exterior.

De modo geral, a internacionalização da universidade brasileira sempre existiu, mas desde 1998 ela vem sendo incentivada pela UNESCO e incrementada por transformações pedagógicas internas nas instituições, novas regras do mercado e grande fluxo de estudantes internacionais (Zamberlam, Corso, Bocchi, Filippin, & Kulkamp, 2009).

É importante ressaltar que os desafios de convivência impactam tanto os que chegam como os que pertencem à sociedade de acolhida. O fato de os estudantes estrangeiros virem de várias

nações com experiências linguísticas, culturais e sociais muito diferentes coloca grandes desafios não apenas para os estudantes, mas também para os colegas, professores, pesquisadores e funcionários brasileiros. Assim, o currículo intercultural e inclusivo requer a desconstrução de preconceitos e uma grande autorreflexão de todos os sujeitos envolvidos, buscando favorecer o respeito à diversidade e a integração de todos, e não promover diferenças hierárquicas e desrespeitosas segundo marcadores sociais como nacionalidade, etnia, classe social, gênero, idade e religião (Sousa, 2004). É neste sentido que Macedo (2006), ao discutir o currículo, o considera como uma mescla de culturas e negociação das diferenças. E também que Moreira e Macedo (1999) defendem a adoção de uma perspectiva cosmopolita, significando a abertura em relacionamentos para o envolvimento com o outro culturalmente diverso. Para isto, o currículo deve ser visto como espaço de trocas culturais.

O currículo intercultural e inclusivo deve ser descolonizado requerendo ainda que seu conteúdo pragmático seja sempre atualizado de acordo com as diversas necessidades contemporâneas dos docentes e discentes. O currículo deve ser elaborado levando em consideração ainda que os alunos, egressos, pesquisadores e professores, circulam cada vez mais, podendo tanto retornar a seus países de origem ou podendo vir a trabalhar e viver em diferentes regiões do mundo. Assim, este currículo deve ter como eixo norteador a mobilidade estudantil e profissional e a internacionalização, avaliando se no currículo os conteúdos previstos e as formas de aprender são, de fato, relevantes para todos.

#### **2.7.4 Justificativa do estudo na área da saúde e metodologia**

As instituições pesquisadas (Universidade Federal do Rio de Janeiro e Fundação Oswaldo Cruz) demonstram ações em prol da internacionalização. Como vem aumentando mundialmente tanto a mobilidade internacional de estudantes como a de profissionais da área da saúde, é importante melhor compreender as experiências dos atores sociais envolvidos e como estas se articulam nesta área específica. Os currículos na área da saúde no Brasil têm sido muito marcados por um lado, pela ênfase na tecnologia, especialização e procedimentos de altos custos e por outro lado, pelo menor enfoque na atenção básica a saúde de grande parte da população, ética, humanização e cuidado (Albuquerque, Batista, Tanji, & Moço, 2009). E na área da saúde como um todo, o Brasil tem exercido um papel protagonista na qualificação de profissionais de saúde de outros países, com a cooperação denominada Sul-Sul, especialmente com países da América do Sul ou da África (Pires-Alves, Paiva, & Santana, 2012). Por exemplo, Almeida, Campos, Buss, & Ferreira (2010) analisam em detalhe como tem ocorrido a cooperação Sul-Sul estruturante em saúde, salientando a relevância das ações que ocorrem de modo horizontal, investindo na formação e no fortalecimento organizacional e desenvolvimento institucional.

A metodologia utilizada para as pesquisas institucionais foi a qualitativo-naturalista, inspirada pela Antropologia e pela Sociologia (Williams, 1986). Escolheu-se esta metodologia, porque a pesquisa analisa o contexto social. Segundo Patton (1987), a avaliação do processo tem como foco a maneira pela qual este é percebido pelas pessoas envolvidas.

As pesquisas realizadas dependeram da inserção laboral da autora em períodos consecutivos. Foram assim, realizados primeiramente em 2012 contatos com os gestores de programas de graduação e contatos com estudantes estrangeiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Sousa, 2016a; Sousa 2016b). Posteriormente em 2014 e 2015, no *campus* de

Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Rio de Janeiro contatou-se gestores da pós-graduação e do Centro de Relações Internacionais em Saúde (CRIS) da Fiocruz (Sousa, 2015).

Nestes projetos, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo. Chizzotti (1991) enfatiza que os procedimentos na análise de conteúdo podem ser muito diversos (análises lexicológicas, categoriais, enunciativas ou conotativas) e inovadores (outras criadas pelo pesquisador). Bardin (1977) também cita entre as possibilidades de análise de conteúdo: a categorial temática que foi escolhida por ser a técnica de análise de conteúdo mais antiga, rápida e eficaz de se aplicar aos discursos diretos.

### **2.7.5 Instituições acadêmicas estudadas no Rio de Janeiro**

Os locais das instituições acadêmicas cariocas estudadas têm como missões de atuação o campo da saúde. O primeiro deles se refere ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tendo sido criado pela reforma universitária de 1967 e implantado em 1969, como Centro de Ciências Médicas. As unidades acadêmicas deste centro englobam as áreas da Biofísica, Biologia, Bioquímica Médica, Ciências Biomédicas, Ecologia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Microbiologia, Nutrição e Odontologia. Em 2012, foram entrevistados dois coordenadores do PEC-G na Universidade Federal do Rio de Janeiro e realizadas seis entrevistas com alunos estrangeiros de um universo de trinta e dois alunos estrangeiros, então matriculados do Centro de Ciências da Saúde, sendo vinte e três moças e nove rapazes. Deste total, oito moças e quatro rapazes possuíam algum tipo de bolsa ou auxílio.

As entrevistas na UFRJ foram realizadas com estudantes do PEC-G que relataram não só o prazer de estudar numa universidade de ponta e numa cidade com muitas possibilidades, mas também problemas relacionados às condições estruturais da estadia no Rio de Janeiro, tais como a dificuldade de moradia com preço acessível, as dificuldades de transporte público e a demora no atendimento pelo Sistema Universal de Saúde (SUS) no Brasil. Outras condições estruturais da própria universidade também foram enfatizadas, como a falta de alojamento universitário para estrangeiros. Em relação às dificuldades vividas pelos estrangeiros no programa acadêmico, foi mencionada a dificuldade da língua portuguesa falada no Brasil e o início de adaptação ao país, no momento das primeiras disciplinas cursadas. Em relação às facilidades encontradas, comentaram que tinham maior integração com colegas da nacionalidade de origem do que com os brasileiros.

O outro local de pesquisa é a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) cuja fundação é de 1900. Esta instituição vem exercendo um papel de destaque na pesquisa em saúde pública no Brasil. A instituição conta com muitos programas de pós-graduação nas áreas de Biologia, Medicina, Saúde Pública, Ciências Humanas e Sociais e programas técnicos em várias áreas fomentando a formação de profissionais em saúde. Os dois níveis de programas atraem estudantes de outras instituições do Rio de Janeiro, de outros estados brasileiros e de outros países.

Os contatos iniciais realizados na Fiocruz com gestores redundaram em observações sobre as recepções anuais de boas-vindas de 2014 até 2018 convocando diferentes atores sociais para discutir o que estaria faltando para melhorar as condições de vida dos estudantes de pós-graduação. A recepção de 2015 foi mais inclusiva do que a de 2014 por buscar não apenas os estrangeiros e acabar contando na reunião com estudantes e trabalhadores brasileiros e estrangeiros da Fiocruz. Foi discutido em 2015 que nem todos os estudantes eram temporários para a instituição, os

problemas das famílias que são deixadas para trás ou que se deslocam para reunião familiar e a necessidade de uma política de bem-estar na instituição. Na recepção de 2016 não foram identificados avanços significativos em relação às discussões travadas nas recepções de 2015 e 2014. No entanto, na recepção de 2018, os representantes da instituição identificaram o que se conseguiu de fato resolver em termos práticos e as dificuldades encontradas nas tentativas de resolução considerando também a nova lei do estrangeiro no Brasil.

### 2.7.6 Conclusão

Os sítios eletrônicos estrangeiros acessados *World Education Services* e *University World News Global Edition* mencionem avanços e dificuldades na internacionalização brasileira que podem ser mais facilmente visibilizados, como o financiamento do programa Ciência sem Fronteiras. Do mesmo modo, nas duas instituições cariocas pesquisadas é mais contabilizada a presença dos estrangeiros que participam destas instituições através de programas de fomento do que a presença de estudantes estrangeiros informalmente inseridos, mas que eventualmente pode redundar numa inserção mais permanente.

As instituições cariocas pesquisadas demonstram tanto ações de acolhimento aos estudantes estrangeiros como também a falta de sensibilização por alguns atores sociais. Os resultados indicam a necessidade de colocar em prática estratégias para a promoção de uma educação intercultural e inclusiva nas instituições acadêmicas. E algumas necessidades gerais dos sujeitos que se deslocam podem ser previstas. É comum que principalmente os estudantes estrangeiros, mas também os brasileiros e trabalhadores falem de dificuldades com documentação, moradia e transporte apropriado para se deslocar. Além disto, há sempre relatos de muitos estudantes estrangeiros indicando a necessidade de maior conhecimento da língua portuguesa e da cultura brasileira. Há também imperativos particulares de cada indivíduo que podem ser de aprendizagem, adequação cultural, problemas de saúde física e psicológica e acesso a tratamentos no Brasil. Portanto, é preciso propiciar orientação para apoio educacional, psicológico e de serviços sociais.

De modo geral, os currículos precisam prever períodos mais flexíveis de ajustes para os períodos iniciais visto que a chegada do estudante de outra instituição, região, estado ou país pode requer grande acomodação cultural e psicológica. Pode-se também tentar flexibilizar os períodos finais do curso, considerando as exigências de nova readaptação. Finalmente, é preciso ainda alertar para a segurança dos estudantes através de planos de contingência institucional. De fato, numa pesquisa com estudantes estrangeiros na Fiocruz houve destaque dos alunos nos desafios envolvidos em conviver com a violência do entorno (Lima, 2017).

Finalmente, é preciso sublinhar que a cooperação brasileira Sul-Sul na área da saúde ao promover investimentos na formação, e também no fortalecimento institucional e organizacional precisa considerar como o currículo ao ser permeado por demandas econômicas e políticas pode assim, dificultar a promoção da saúde pública em diferentes instituições, regiões e países. Nesta perspectiva, também é importante dar destaque ao papel diferenciado da internacionalização em cada instituição acadêmica para que as instituições desenvolvam suas diferentes missões e possam construir parcerias ativas, se tornando polos.



## **Bibliografia / Bibliografía / Bibliographie / References**

- Albuquerque, V.S., Batista R. S., Tanji, S., & Moço, E. T. M. (2009). Currículos disciplinares na área de saúde: ensaios sobre saber e poder. *Interface-Comunicação Saúde Educação*, 13 (31), 261-272.
- Almeida, C. A., Campos, R. P. de Buss, P. B. M., & Ferreira, J. R. (2010). A concepção brasileira de “cooperação Sul-Sul estruturante em saúde”. *RECHS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*, 4 (1), 25-35.
- Bardin, L (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Chizzotti, A. (1991). *Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez.
- Ciência sem Fronteiras* (2015). Recuperado de [http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views//journal\\_content/56\\_INSTANC\\_E\\_VF2v/214072/5100172](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views//journal_content/56_INSTANC_E_VF2v/214072/5100172)
- França T., & Padilla, B. (2015). Cooperação Sul-Sul, uma via alternativa? Um caso exploratório entre Brasil e Argentina. *Forum Sociológico*, 27, pp. 61-71.
- Knight, J. (2004). Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8(1), 5-31.
- Knigh, J. (2014). What is an international university? The State of Higher Education. In: A. Glass. *The OECD Higher Education Programme (IMHE)*. Paris: Directorate for Education - OECD.
- Krawczyk, N. R. (2008). As políticas de internacionalização das universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. *Jornal de Políticas Educacionais*, 4, 41-52.
- Lima, R. M. (2017). *Analisando as motivações dos estudantes estrangeiros do Instituto Oswaldo Cruz na Fiocruz*. Dissertação de Mestrado do Programa de Ensino em Biociências e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz.
- Macedo, E. (2006). Currículo: política, cultura e poder. *Currículo sem Fronteiras*, 6(2), 98-113.
- Marrara, T. (2007). Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação RBPG*, 4(8), 245-262.
- Mais Educação (2017). Recuperado de <https://www.maiseducacao.blog.br/2017/04/mec-e-o-fim-do-ciencia-sem-fronteiras.html>
- Moreiro, A. F. B, & Macedo, E. F. (1999). Faz sentido ainda o conceito de transferência educacional? In: A. F. B. MOREIRA. (Org.). *Currículo: políticas e práticas* (11-28). Campinas: Papirus.
- Patton, M. Q. (1987). *How to use qualitative methods in evaluation*. Newbury Park: Sage.

- Pires-Alves, F. A, Paiva, C. H. A., & Santana, J. P. A. (2012). A internacionalização da saúde no Brasil: elementos contextuais e marcos institucionais da cooperação internacional brasileira em parceria com a OPAS. *Rev Panam Salud Publica*, 32(6), 444–450.
- Sousa, I. C. F. (2015). Moving to integrate international students at Oswald Cruz Foundation, Rio de Janeiro. *Forum Sociológico*, 27, 23-30.
- Sousa, I. C. F. (2016a). Uma análise de iniciativas individuais e institucionais para a socialização de estudantes estrangeiros (pp. 128-145). In: J. BAHIA, & M. SANTOS. (Org.). *Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios*. São Leopoldo: Oitos.
- Sousa, I. C. F. (2016b). Deslocamentos na socialização de estudantes estrangeiros em instituições acadêmicas voltadas para a saúde no Rio de Janeiro (pp. 329-346). In: H.
- Póvoa Neto, M. O. Santos & R. Petrus (Org.). *Migrações: rumos, tendências e desafios*. Rio de Janeiro: PoloBooks.
- Sousa, I. F. (2004). A educação intercultural na escola e o reconhecimento do Outro diferente. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas/Education Policy Analysis Archives*, 12(59), 1-8. *University World News Global edition*. Recuperado de <http://www.universityworldnews.com>
- Vizentini, P. F. (2005). A transição do sistema mundial e a internacionalização das universidades: uma perspectiva brasileira. *Cultura e fé. Instituto de Desenvolvimento Cultural*, 28 (110), 41-44. Recuperado de <http://www.andifes.org.br/index.php?option=docman&task=doc>
- Williams, D. D. (1986). Naturalistic evaluation: Potential conflicts between evaluation standards and criteria for conducting naturalistic inquiry. *Education Evaluation and Policy Analysis*, 8(1), 87-99.
- Wit, H. (2015). What is an International University? *University World News Global Edition*, 359. Recuperado de <http://www.universityworldnews.com>
- World Education Services*. Recuperado de <http://www.wes.org>
- Zamberlam, J, Corso, G.; Bocchi, L.; Filippin, J.; & Kulkamp, W. (2009). *Estudantes internacionais no processo globalizador e na internacionalização do ensino superior*. Porto Alegre: Impa Artes Gráficas e Ltda. Recuperado de <http://www.net11.com.br/radiorosario/RCR/R%E1dio%20Migrantes/Publicacoes/Estudantes%20internacionais.pdf>